

DE CASACA, TAMBOR E GUITARRA

Em 1968 estudava em Lisboa. De férias, fui conhecer a Inglaterra. Com a grana curta me inscrevi em campos de trabalho. Fui aceito para socializar crianças londrinas transferidas de cortiços demolidos ao sul do Tâmesa, para quatro grandes edifícios construídos no mesmo lugar. Foi um verão inesquecível: assisti a lançamentos e concertos, comprei roupa, frequentei pubs e museus. Entretanto a experiência marcante, aconteceu na Sede Comunitária do edifício onde trabalhei. Descobri que uma banda exótica de moradores se apresentava ali todos os sábados. Namorava uma colega egípcia e não perdíamos um baile. Tentávamos acompanhar o ritmo inebriante que músicos extraordinários tiravam de velhos tambores de óleo pintados de vermelho, verde, amarelo e preto. Conversando (amavam a música brasileira) soube que aqueles tambores “steel drums” eram feitos com tonéis de combustível que navios descartavam e o mar levava às praias da Jamaica. Lá os cilindros eram recortados em alturas diferentes e na parte superior, afundada como funil, soldavam placas de ferro de tamanhos variados, dispostas ao redor do centro, constituindo uma escala musical.

Passei anos sem ouvir nada parecido até que no Brasil comecei a escutar, nas rádios, músicas que despertaram a minha memória. A presença de guitarras dificultou a identificação imediata daquele ritmo primitivo, ouvido no Cambridge House Community Club. Logo percebi que aquele som de “favelados” enriquecido com guitarras e interpretações magistras de Bob Marley e Peter Tosh, havia estourado o gueto e conquistado o mundo.

Atento a esta experiência, lembrando das rapsódias de Liszt e Vila-Lobos, tendo na infância apreciado congo no Sernambi em São Mateus, colaborado na criação da 1ª Banda Mirim de Congo e tocando chocalho desde 1974 na Banda da Barra do Jucu, percebi que essa nossa herança musical de séculos, temperada com novos instrumentos e interpretação atualizada, poderia conquistar público maior, como ocorreu com o reggae.

O Congo Tradicional que funcionava como um jornalismo cantado, trocando informações e insinuações, mais ouvido do que dançado, havia morrido, esmagado pelo crescimento econômico da região. Perdera a base cultural: o peixe aprisionado no alto mar já não chegava à costa e o tráfego de canoas no Rio Jucu fora interrompido com a construção de duas barragens. O pescador e o barqueiro que passavam o dia na comunidade trabalhando, remendando canoas e redes, tecendo redes e intrigas, compondo jongos no compasso das remadas e balanço do mar, haviam desaparecido. Agora acordavam cedinho e tomavam a caçamba da prefeitura para varrerem ruas de bairros distantes. Afastados do cotidiano comunitário, a essência do congo tradicional cristalizou-se. Na Barra essa mutação ocorreu nos anos 70, de equipamento cultural o congo passou a espetáculo: a dança ganhou mais espaço e o show a receber cachê. Convicto de que o congo carecia lapidação como o reggae, procurei o departamento de música do DEC e conversei sobre isso com todos os músicos que encontrei (capixabas e nacionais famosos) que Júlio Fabris, na época escrevendo sobre música em A TRIBUNA depois em A GAZETA, convidava para conhecerem o Congo na Barra do Jucu.

Quando num show na Fazenda Camping, Martinho da Vila se apropriou e trabalhou a música Madalena, o resultado não foi o que eu imaginava, mas aplaudi esse 1º passo. Agora a Banda Casaca: talento e carisma dos irmãos Renato e Jura, somado a integrantes da Banda Mirim de Congo (patrocinada pela LBA nos anos 80) está levando nosso congo ao som da casaca, do tambor e da guitarra a uma nova dimensão: enfim, a rapsódia capixaba?

Kleber Galvêas – pintor –02\02

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com